



# MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI  
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

## A RECATEGORIZAÇÃO EM TEXTOS DIGITAIS: UMA ANÁLISE DA NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS



## RECATEGORIZATION IN DIGITAL TEXTS: AN ANALYSIS OF THE NEGOTIATION OF MEANINGS

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 16/06/2020 • APROVADO EM 09/07/2020

WELLINGTON GOMES DE SOUZA, UERN, BRASIL  
LIDIANE DE MORAIS DIÓGENES BEZERRA, UERN, BRASIL

---

### Abstract

---

The advancement of researches about referencing enables the perception of several paths for textual analysis. Since the advent of studies on this phenomenon, an increasingly holistic view of it is in order to expand its perspectives. In this sense, a bias - still little explored, perhaps - consists of the analysis of referential processing based on the relationship between texts for the construction of speech objects and their recategorization in the interactive process. With this in mind, the objective of this approach is to analyze the re-categorization of referents, with consensual negotiation or not, in digital linguistic materialities. The proposed discussion comes to light by reading authors such as Custódio Filho (2011, 2017), Lima & Cavalcante (2015), Lima (2017). In order to develop the intended analysis, texts were collected from social networks that revolve around a common referent for the observation of consensuses and recurrent dissent, with regard to the positioning of the interlocutors. In this endeavor, the idea that the construction of the referent is not always carried out through a consensual negotiation, but always supported by a project of saying, is ratified.

---

**Resumo**

---

O avanço das pesquisas sobre referencição possibilita a percepção de vários percursos para análise textual. Desde o advento dos estudos desse fenômeno, tem-se concebido uma visão cada vez mais holística a seu respeito, no intento de ampliação de suas perspectivas. Nesse sentido, um viés — ainda pouco explorado, talvez — consiste na análise do processamento referencial pautado na relação entre textos para a construção de objetos de discurso e sua recategorização no processo interativo. Com isso em vista, o objetivo desta abordagem é analisar a recategorização de referentes, com negociação consensual ou não, em materialidades linguísticas digitais. A discussão proposta vem à luz mediante a leitura de autores como Custódio Filho (2011, 2017), Lima & Cavalcante (2015), Lima (2017). Para desenvolver a análise pretendida, foram coletados textos de redes sociais que giram em torno de um referente em comum para observação dos consensos e dos dissensos recorrentes, no tocante ao posicionamento dos interlocutores. Nessa empreitada, ratifica-se a ideia de que a construção do referente nem sempre é realizada mediante uma negociação consensual, mas sempre amparada por um projeto de dizer.

---

**Entradas para indexação**

---

**KEYWORDS:** Referencing. Speech objects. Recategorization. Negotiation. Production of meanings.

**PALAVRAS-CHAVE:** Referencição. Objetos de discurso. Recategorização. Negociação. Produção de sentidos.

---

**Texto integral**

---

**Introdução**

A abordagem com a qual nos ocupamos, neste artigo, está pautada nas possibilidades de recategorização referencial, sem que haja a necessidade de homologação do objeto de discurso na superfície textual, tampouco de suas expressões recategorizadoras, que podem ser percebidas no contexto, além de serem ativadas pelo conhecimento partilhado dos interlocutores.

Dessa forma, nosso objetivo é analisar a recategorização de referentes, com negociação consensual ou não, em materialidades linguísticas digitais. Essa perspectiva de análise diz respeito ao caráter cognitivo-discursivo que recobre o desenvolvimento dos processos de recategorização, em uma ampliação a respeito da precursora noção linguístico-discursiva apresentada em Apotheloz & Reichler-Beguélin (1995).

Além dos precursores das ideias sobre recategorização já citados, o embasamento teórico deste artigo passa por autores como Custódio Filho (2011, 2017), Lima & Cavalcante (2015), Lima (2017). A leitura desses estudiosos, além de outros apresentados no corpo do texto, permite a percepção acerca da evolução dos estudos sobre a recategorização, tendo em vista a ampliação da visão de texto, que recobre outros elementos, que não só os linguísticos, para a construção referencial.

Do ponto de vista metodológico, apresentamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o intuito de interpretar a construção referencial apresentada nos textos coletados. Este artigo caracteriza-se, ainda, por ser de natureza descritiva,

tendo em vista a análise proposta, a fim de descrever o processo de recategorização observado nas materialidades analisadas.

Diante do estudo proposto, pudemos observar que a recategorização passa por um processo de negociação que, nem sempre, é consensual. Além disso, o seu desenvolvimento está pautado no conhecimento partilhado, que pode fazer dos objetos de discurso mais ou menos especificados, ou não comungados, conforme vemos em Custódio Filho (2017).

O artigo segue com uma seção que trata da recategorização e suas perspectivas, com a apresentação da evolução do olhar sobre esse processo que, além de textual-discursivo, é também cognitivo. Posteriormente a essa exposição, apresentam-se algumas considerações sobre o princípio da negociação e suas contribuições para a recategorização. Em outra seção, apresentaremos a análise de *memes* coletados de redes sociais, em que se percebe a junção de semioses para a construção da recategorização referencial, entre outros aspectos concernentes à nossa proposta. Para finalizar, exporemos as considerações finais, além das referências que sustentam esta discussão.

## 2 O processo de recategorização e suas perspectivas

As construções de sentido que rodeiam os referentes em um texto são imprescindíveis para a arquitetura do projeto de dizer pretendido pelos enunciadores. Para essa construção, no âmbito da referenciação, a literatura postula como consensual as seguintes ideias: os objetos de discurso são considerados como elementos passíveis de reelaboração, tendo em vista sua instabilidade; os referentes sofrem recategorizações, por conta de sua dinamicidade; os referentes são de natureza negociável entre os interlocutores; o trabalho de construção dos referentes é sociocognitivo; e, por fim, esses objetos de discurso passam por um processo de estabilização (Cf. CUSTÓDIO FILHO, 2011).

Sem aprofundar a discussão acerca do que se postula como consensual nos estudos sobre referenciação, destacamos, nesta abordagem, dois aspectos que julgamos necessários para o que estamos propondo explorar neste artigo: 1) o caráter dinâmico do referente, que possibilita o desenvolvimento dos processos de recategorização dos objetos de discurso; 2) a natureza negociável dos referentes, princípio que será tratado mais adiante.

Entendemos, inicialmente, que esses dois aspectos estão imbricados para a produção de sentido, visto que a recategorização faz parte da negociação estabelecida pelos interlocutores de um determinado texto, a partir das nuances que caracterizam esses sujeitos, bem como dos conhecimentos partilhados por eles.

Em **Apothélos & Reichler-Beguélín** (1995), encontramos as primeiras considerações acerca dos processos de recategorização referencial. Nessa perspectiva de análise, os autores discorrem sobre a possibilidade de uma expressão referencial anafórica – que aponta para um determinado objeto de discurso – ir além dessa função, consistindo em uma ferramenta de modificação do referente, que pode ocorrer por meio das seguintes transformações: recategorizações lexicais explícitas, recategorizações lexicais implícitas, modificações na extensão do objeto.

Em linhas gerais, no tocante ao primeiro tipo de transformação, os autores dizem que a designação anafórica evidencia uma mudança do objeto de discurso, sendo que a modificação atribui um caráter predicativo ao referente, no estabelecimento de relações entre o objeto e a expressão anafórica. Com isso, a expressão referencial exerce dois papéis: o de caráter anafórico, isto é, de retomada de um referente; e o de fornecimento de novas informações, a partir da recategorização lexical.

Nas recategorizações lexicais implícitas, os autores apontam para as transformações dos objetos de discurso, caracterizadas pela presença de pronomes e que podem marcar diversas finalidades, como a redução de uma ambiguidade referencial, motivações de gênero gramatical e indicação de uma conotação particular acerca do referente.

Em relação à modificação da extensão do objeto de discurso e de seu estatuto lógico, os autores afirmam que certas transformações promovem a homologação de atributos ao referente que o fazem evoluir no texto. Com isso, destacamos a possibilidade de fragmentação ou fusão de referentes, aproximando-se com as ideias de sumarização dos objetos de discurso.

Com base nesses autores, Lima & Cavalcante (2015) dizem que os mecanismos de recategorização consistem em estratégias de designação pelas quais os interlocutores podem representar os objetos de discurso remodulados de acordo com as diferentes condições enunciativas.

Não obstante a importância dos estudos iniciais sobre a recategorização, as considerações de Apothéoz e Reichler-Beguélin (1995), como vimos, dizem respeito somente à perspectiva textual-discursiva. Nesse sentido, a construção da referência é pautada no que se apresenta sobre a materialidade linguística e nas relações que se estabelecem entre os referentes e as expressões referenciais que a designam no cotexto de maneira mais explícita, por exemplo.

Vale mencionar, contudo, a observação de Lima (2003), apontando para as diversas naturezas que rodeiam as transformações operadas pelo anafórico, como as naturezas discursiva, gramatical e cognitivo-referencial, que não são elucidadas pelos autores-âncora do estudo do fenômeno da recategorização.

Nesse contexto, a recategorização sob a perspectiva textual-discursiva “[...] ainda se faz reducionista quando atrela a realização desse processo de ocorrências de retomadas anafóricas, alcançando apenas a dimensão textualmente manifesta do fenômeno” (LIMA & CAVALCANTE, 2015, p. 298). Assim, os avanços que se referem ao estudo do fenômeno da recategorização direcionam-se para a perspectiva cognitivo-discursiva que, segundo as autoras, possibilita outros desdobramentos para a construção de sentidos do texto.

De acordo com esta nova abordagem, o processo de recategorização não se dá apenas por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão referencial recategorizadora presente na superfície textual. Em outras palavras, a transformação do referente vai além da recategorização anafórica, permitindo outras possibilidades de desenvolvimento desse fenômeno.

O que se destaca nesta perspectiva de desenvolvimento da recategorização é a possibilidade de percepção do referente, bem como de sua recategorização sem menção de expressão referencial, isto é, sem a necessidade de presença de um ou de outro, e até mesmo a dupla ausência, tendo em vista que eles podem ser perceptíveis

a partir de marcas textuais presentes no cotexto. Essas possibilidades caracterizam o que Lima & Cavalcante (2015) chamam de recategorização sem menção de expressão referencial, que ocorre nos seguintes casos:

quando o referente recategorizado não é homologado na superfície textual, mas a sua recategorização é confirmada por uma expressão referencial; 2) quando o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial, mas a sua recategorização somente é construída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém evocada por outras pistas linguísticas; 3) quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados por expressão referencial na superfície do texto, mas ambos elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 308).

Diante do que expõem as autoras, é perceptível a ideia de que a construção de expressões recategorizadoras não se dá apenas no plano textual, tampouco o referente é estabelecido na superfície linguística. Destaque-se, assim, a importância da carga cognitiva para o desenvolvimento da recategorização sem menção de expressão referencial, a partir das marcas textuais presentes no cotexto.

Com esses desdobramentos, ressaltamos as nuances dos textos multimodais para a contemplação da construção do processo de recategorização. Nessas materialidades, a presença tanto do verbal quanto do não verbal concorre para a construção da referência. Em Custódio Filho (2011), por exemplo, vislumbra-se a perspectiva de diversidade de percepções do fenômeno da referenciação para além do que é linguístico, com base nas relações entre as partes verbal e não verbal do texto.

Essa necessidade de abarcar os textos multimodais permitiu a possibilidade de observação de uma recategorização imagética ou multimodal. Nas palavras de Lima (2017, p. 104), “[...] nos textos multimodais, é possível a ocorrência do processo de recategorização homologado por signos verbais, por signos não verbais ou numa relação de interdependência entre signos verbais e não verbais”.

Como se vê, a perspectiva cognitivo-discursiva da recategorização é muito mais abrangente em relação à empreitada textual-discursiva desse processo. Vale dizer, todavia, que a relação entre essas perspectivas é de complementaridade e não de exclusão, pois os dois percursos para a transformação dos objetos de discurso são de grande valia na construção de sentidos.

Um ponto para finalizar este tópico, e deixar uma prévia para o que segue, diz respeito à importância do conhecimento compartilhado para a construção referencial. Conforme Cavalcante & Santos (2012), a construção de sentidos proporcionada pelas estratégias de referenciação, como a que estamos discutindo, depende do acionamento de conhecimentos prévios, quais sejam: linguísticos, enciclopédicos ou contextuais, para que se possa perceber, entre outros aspectos, a orientação argumentativa que se pretende com um determinado texto.

Portanto, entendemos que é imprescindível a ativação desses conhecimentos para que a perspectiva cognitivo-discursiva da recategorização possa ser

contemplada, algo que passa por um processo de negociação também eficaz. Na seção que segue, buscaremos estreitar essa relação entre esse princípio da referenciação e o processo de recategorização.

### **3 As possibilidades de negociação referencial e o seu papel recategorizador**

A negociação é um dos princípios da referenciação que, como já adiantamos, concorre para o processo de recategorização. Essa relação entre negociação e recategorização deve-se ao fato de que os processos de categorização e de referenciação são considerados como processos dinâmicos, daí a existência da possibilidade real de recategorização (LIMA, 2017).

Com base em Mondada & Dubois (2003), podemos dizer que o papel recategorizador da negociação é pautado na instabilidade das categorias, tendo em vista as práticas relacionadas ao processo interativo que permeia as atividades cognitivas de negociação das versões de mundo, realizadas pelos sujeitos a partir da enunciação.

Nesse sentido, a (re)construção de objetos de discurso, bem como o processo de recategorização referencial, passam pelo princípio da negociação, pois são tarefas eminentemente interativas. Por isso, quando “[...] produzem e compreendem textos, os sujeitos participam ativamente da interação, de modo que estão sempre negociando os sentidos construídos” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 35).

Nesse contexto de dinamicidade e interação, que abarca os objetos de discurso, são possíveis as reconstruções que permitem a progressão textual, conforme o propósito comunicativo previsto pelos enunciadores (LIMA, 2017). Portanto, a negociação, conforme Cavalcante; Custódio Filho; Brito (2014), é um princípio fundamental da referenciação, no sentido de possibilitar a percepção acerca das caracterizações ou reformulações dos referentes.

Nessa perspectiva de abordagem sobre o princípio da negociação, há a busca da estabilização do referente para que o processo interativo seja eficaz. Assim, a progressão textual é entendida como resultado da construção negociada de referentes, sendo que esta realização é consensual.

Todavia, para além desse cenário de negociação, Custódio Filho (2017) diz que nem sempre a negociação consensual de referentes é fator determinante para a progressão textual ou para a interação. Em uma rediscussão sobre esse princípio, o autor considera que pode haver a negociação para a construção de objetos de discurso pouco especificados, além da negociação para a construção de um objeto não comungado, isto é, aquele cujas transformações podem ser pautadas no dissenso.

No tocante à negociação para a construção de objetos de discurso pouco especificados, há o entendimento de que os referentes serão mais ou menos especificados, a depender do conhecimento partilhado dos locutores. Assim, algumas construções sobre os objetos de discurso podem passar despercebidas, mas não prejudicar o processo interativo de negociação. Da mesma forma, a não

percepção de determinados aspectos acerca dos objetos de discurso não consiste em interferência para a progressão textual.

A respeito dessa possibilidade de negociação, podemos dizer que o seu caráter é multiforme, visto que “[...] há, a depender do projeto de dizer do locutor, diferentes formas de negociar no que concerne ao grau de especificação do objeto de discurso” (CUSTÓDIO FILHO, 2017, p. 70).

Desse modo, a produção de sentidos que os interlocutores negociam, mediante a construção textual, pode não ser percebida em sua totalidade, ou não ser plenamente palpável, em função da necessidade de conhecimento compartilhado, conforme já mencionamos. Nesse sentido, vale salientar o fato de que a dinamicidade dos processos referenciais depende do estabelecimento de relações intertextuais e interdiscursivas, que contribuem para essa negociação (CAVALCANTE; SANTOS, 2012). No tocante à recategorização referencial, portanto, esse conhecimento permite, por exemplo, observar a não homologação do objeto de discurso no texto, assim como a não homologação de suas recategorizações, levando em consideração a perspectiva cognitivo-discursiva.

No que diz respeito à negociação para a construção de um objeto não comungado, Custódio Filho (2017) baseia-se em Amossy (2017), na proposta de uma visão sobre a argumentação, considerando o fato de que a ação de argumentar não consiste somente na busca do consenso. Com isso, na construção não consensual de sentidos, a negociação de referentes é pautada na distinção de pontos de vista. A esse respeito, temos que:

Nesses casos, a polêmica é o mote principal, e a sua manutenção é uma necessidade. A autora acrescenta, ainda, que a democracia se beneficia muito mais desse tipo de movimento que do movimento anterior, uma vez que, na prática de estimular o dissenso, vozes destoantes não se deixam abafar (CUSTÓDIO FILHO, 2017, p. 71).

A partir da reflexão de Amossy (2017), o autor apresenta dois processos distintos de negociação: 1) construção colaborativa dos objetos de discurso para o avanço da interação e da progressão textual (argumentação como consenso); e, 2) proposição de traços diferentes para um mesmo objeto de discurso, sem que isso prejudique a progressão textual (argumentação como dissenso). Isso mostra, a nosso ver, que o processo de estabilização que se pretende com a negociação não ocorre sempre, pois a construção dos pontos de vista sobre os referentes pode ser diversa. Dessa maneira, o princípio da negociação não converge apenas para a busca de consenso entre os interlocutores, isto é, para a estabilidade referencial. Para além disso, “[...] negociar implica, em certa medida, compreender o projeto de dizer do outro” (CUSTÓDIO FILHO, 2017, p. 75).

Diante dessas considerações, o papel recategorizador do princípio da negociação é de suma importância, tendo em vista que a recategorização referencial apresentada no texto pode indicar se o objeto é mais ou menos especificado, ou se não é comungado pelos enunciadores. Isso reforça a perspectiva cognitivo-discursiva da recategorização, pautada na observação de aspectos intertextuais,

interdiscursivos, além da percepção de modelos cognitivos para a construção da referência.

Salientemos, por fim, que essas perspectivas de análise da negociação e da recategorização são perceptíveis em textos verbais, assim como em textos que articulam elementos verbais e não verbais, como aqueles de natureza multimodal. Assim, na seção que segue, analisaremos alguns textos, pertencentes ao gênero *meme*, que apresentam construções referenciais girando em torno do mesmo objeto de discurso, ora homologado, ora não homologado, com recategorizações que se processam, sobretudo pelo conhecimento partilhado dos interlocutores.

#### **4 A negociação de sentidos de referentes: análise da recategorização em textos multimodais**

Para a nossa análise, temos como escopo o referente textual *isolamento social*, observado a partir de materialidades linguísticas e/ou imagéticas presentes em *memes*. A escolha desse referente é pautada na situação de pandemia em que vivemos, atualmente, que levou governos a adotarem medidas como o distanciamento das pessoas, a fim de minimizar os efeitos do novo coronavírus e a proliferação da COVID-19.

Com base nas pistas textuais presentes nos *memes*, é possível a produção de sentidos acerca do objeto de discurso em tela, associada ao conhecimento partilhado dos enunciadores, além do estabelecimento de relações intertextuais e interdiscursivas para a diversidade de construção referencial.

Em relação ao *meme*, que, a nosso ver, faz parte do conjunto de gêneros emergentes nascidos com a evolução e uso da internet, cumpre dizer, resumidamente, que se trata de um evento caracterizado pela capacidade de disseminação rápida, visando à abordagem de uma temática cotidiana atual, de forma humorística ou criticamente. Para Cavalcante & Oliveira (2019), o *meme* “[...] é uma prática languageira manifestada em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos publicados na internet [...]” (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2019, p. 14).

Vale dizer que não entraremos na discussão problematizada pelos autores acerca das possibilidades de tratamento do *meme* como gênero ou não, pois o nosso propósito não é discutir esse aspecto, mas observar como a construção referencial da recategorização ocorre nessa materialidade em uma perspectiva cognitivo-discursiva, como já apontamos.

A título de esclarecimento, é importante dizer, ainda, que *isolamento social* é diferente de *quarentena*, pois este último termo diz respeito à separação de pessoas, provenientes de uma região onde há doença contagiosa grave, que ficam incomunicáveis por um dado período. Já o *isolamento* diz respeito ao ato ou efeito de isolar-se que, em nosso contexto social vigente, faz-se necessário para evitar o contágio do coronavírus. Não obstante, entendemos que a expressão referencial *quarentena* remete-nos ao referente *isolamento social*, que pode não estar homologado no texto, mas é retomado, facilmente, em função do conhecimento partilhado acerca do assunto em pauta presente no contexto de análise.

Realizadas essas considerações, sigamos para a análise dos *memes* 01 e 02:

#### Meme 01



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo?fbid=127650755547465&set=a.110763920569482> Acesso em: 01 mai. 2020.

#### Meme 02

5º dia de quarentena, depilei um morango  
Translate Tweet



Fonte:

<https://querobolsa.com.br/revista/tedio-na-quarentena-veja-os-memes-mais-criativos> Acesso em 20 abr. 2020.

Os *memes* 01 e 02 trazem, em comum, a relação entre elementos verbais e imagéticos para a construção referencial do objeto de discurso *isolamento social*. Conforme já havíamos adiantado, a expressão *quarentena*, presente em ambos os textos, remete-nos ao objeto de discurso em análise, e consiste em uma anáfora

recategorizadora, levando em consideração a não homologação desse referente nas materialidades apresentadas.

Ressalte-se o conteúdo imagético dos dois primeiros *memes*, que se relacionam com o referente em pauta. No primeiro, a mudança da imagem de um casal de humanos, à esquerda, para a imagem de um casal de porcos gordos, à direita, associadas ao início e ao fim da quarentena, sugerem que, nesse período de isolamento, as pessoas comem exageradamente. De acordo com o conhecimento partilhado a respeito da situação em tela, essa “comilança desenfreada” está ligada, entre outras coisas, ao fato de que não há atividades a serem realizadas no isolamento, a não ser comer.

Já no *meme 02*, vemos um morango e, ao seu lado, a imagem de uma pinça, instrumento utilizado para “depilar” o fruto. Nessa materialidade, reforça-se a ideia de que a falta das tarefas realizadas no cotidiano, em situações de normalidade, leva as pessoas a buscarem ocupar o seu tempo com atividades inusitadas como “depilar um morango”.

Assim, nos *memes 01 e 02*, temos pistas textuais, na junção de semioses presentes nos dois textos, que permitem concluir que há a recategorização do referente *isolamento social* como um período de ócio. Nesse contexto, consideramos que predomina a perspectiva cognitivo-discursiva para o desenvolvimento do processo de recategorização que não está homologado nos textos, mas que é perceptível a partir das pistas textuais que direcionam a produção de sentidos.

Construções diferentes ocorrem nos *memes 03 e 04*:

Meme 03



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/04/16/sp-empresario-usa-meme-do-caixao-em-outdoor-para-pedir-isolamento-social.htm> Acesso em: 20 abr. 2020.

Meme 04



Fonte:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/tamojunt-o/coronavirus-memes-mostram-lado-do-humor-na-pandemia-24335141> Acesso em: 04 mai. 2020.

Os memes 03 e 04 apresentam um posicionamento diferente em relação aos dois primeiros, porque não tratam a temática inerente ao objeto de discurso apenas sob o viés humorístico.

No *meme* 03, temos uma relação intertextual com o “*meme do caixão*”, que viralizou na internet, sobretudo pela iminência de morte em relação à COVID-19. De maneira geral, este *meme* apresenta o vídeo de uma situação em que uma pessoa, ou um outro ser qualquer, está em risco e há o corte da imagem para “os dançarinos do caixão”. Vale dizer que a origem desse *meme* está relacionada a um rito comum em Gana, país da África Ocidental, onde os funerais são “alegrados” por dançarinos, como uma forma de familiares homenagearem seus mortos.

Em relação à construção referencial do *meme* 03, a expressão “*Fique em casa*” pode ser considerada como uma retomada indireta do referente *isolamento social*. Essa retomada indica uma alternativa contra o contágio com o novo coronavírus e, conseqüentemente, com a morte, marcada pela pista textual “*ou venha dançar com a gente*”, que seria a opção escolhida por quem desrespeita o isolamento. Mais uma vez, temos a junção dos elementos verbais e não verbais para a construção referencial dos sentidos do texto, na associação de aspectos intralinguísticos e extralinguísticos.

No tocante ao *meme* 04, também se apresenta uma relação intertextual. Dessa vez, com o filme *O sexto sentido* (1999), dirigido por M. Night Shyamalan e estrelado por Bruce Willis (o psicólogo infantil Malcolm Crowe) e Haley Joel Osment (Cole

Sear). No *meme*, temos a adequação da primeira fala do garoto “Eu vejo idosos na rua” que, no filme, consiste no seguinte: “Eu vejo gente morta”.

No estabelecimento de diálogo entre os dois enunciados citados no parágrafo anterior, é possível a observação de que os idosos que saem às ruas estão mortos, porque são do grupo de risco em relação à doença provocada pelo novo coronavírus. Assim, ao saírem de casa, essas pessoas estão propensas a morrerem, caso sejam infectadas pelo vírus.

Salientemos, ainda, que a interação e a negociação de sentidos do *meme* em análise passa pelo conhecimento de que o garoto consegue ver pessoas mortas, conforme mencionamos anteriormente. Sem essa informação por parte dos interlocutores, talvez o propósito comunicativo do texto não seja percebido plenamente.

Sobre os memes 03 e 04, então, consideramos que há a recategorização do referente *isolamento social* como uma medida necessária para evitar mortes em função da proliferação do novo coronavírus. Como vimos, não há homologação nem do objeto de discurso, nem da recategorização proposta nos textos, mas podemos recobrá-los, mediante a ativação de conhecimentos, como o enciclopédico e o linguístico.

Vejam os que se apresenta nos *memes* 05 e 06:



Fonte:

<https://www.facebook.com/jairmessiasbolsonaro>.

Acesso em 24 abr. 2020

## Meme 06



Fonte: Instagram –  
[linktr.ee/empreendedores.de\\_visão](https://linktr.ee/empreendedores.de_visão). Acesso em: 28  
 abr. 2020.

Nos *memes* 05 e 06, apresentam-se críticas acerca do isolamento. Dessa forma, esses dois últimos textos, que ora analisamos, têm propósitos comunicativos diferentes em relação aos anteriores.

No *meme* 05, o objeto de discurso *isolamento social*, retomado pela expressão referencial *quarentena*, visa problematizar questões relacionadas às medidas adotadas pelas autoridades. No caso desse texto, o dêitico espacial *Rio de Janeiro* delimita a situação de isolamento no estado em evidência. Para entendimento do texto, é importante contextualizar a situação, visto que ele apresenta: primeiro, uma posição mais radical para fortalecer o isolamento social, com a prisão de quem desrespeitasse tal medida, proposta relacionada à sugestão do governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC); segundo, a continuidade do *meme* remete a uma outra medida, que é a possibilidade de soltura de presos em função da COVID-19.

Dessa forma, entendemos que o *meme* recategoriza o *isolamento social* como uma medida incoerente, pois, ao passo que é sustentado com ações que preveem a prisão de quem não respeita a medida, concede a liberdade a quem está preso para não haver infecção com o novo coronavírus.

Mencionemos, ainda, a expressão *Brasil resistente*, que consiste em uma página de *Facebook*, defensora do Presidente da República, figura que representa, talvez, a maior resistência contra as ações de estados e municípios brasileiros no combate à COVID-19. Isso fortalece um posicionamento contrário ao isolamento social.

Finalmente, o *meme* 06 apresenta uma divisão social a respeito do objeto de discurso em tela. Nessa materialidade, é perceptível duas posições em relação ao

isolamento social: uma contrária e outra favorável à medida. Esses posicionamentos estão pautados na condição de vida dos sujeitos apresentados no *meme*, pois aqueles menos favorecidos anseiam resolver questões pontuais de sua vida cotidiana, como pagar as contas e prover o sustento da família; enquanto os indivíduos privilegiados socialmente defendem o isolamento, por se tratar de um período de férias e descanso, como vemos no conteúdo imagético do texto.

Portanto, ser favorável ou contrário ao isolamento social é algo que passa pela condição social de cada um, segundo o que se apresenta no *meme*. Nesse contexto, o referente em pauta pode ser recategorizado como uma medida conflituosa, passível de discussões que variam de acordo com o ponto de vista de cada um, o que reforça a perspectiva cognitivo-discursiva que permeia a recategorização do objeto de discurso analisado.

Diante dessa breve análise, vimos que o referente *isolamento social* não é homologado textualmente, mas faz parte do conhecimento partilhado, tendo em vista a grande repercussão, em nosso país e no mundo, no que diz respeito a essa medida de enfrentamento do novo coronavírus. Da mesma forma, a sua recategorização também não é homologada. Dessa maneira, as negociações de sentido que se percebem, a partir do que temos nos textos, não aparecem na superfície textual de modo geral. Assim, o fato de o objeto de discurso em pauta ser considerado como espaço para ócio, como necessário, como medida incoerente, ou como um mero exagero das autoridades, paira no conhecimento partilhado pelos interlocutores e pelas pistas textuais do cotexto e suas semioses.

Vale dizer que “[...] todas essas inferências são ancoradas também em modelos cognitivos/culturais que fazem parte da bagagem sociocognitiva dos interlocutores” (LIMA, 2017, p. 105). Por isso, é importante ressaltar a necessidade do conhecimento partilhado para a percepção plena da construção referencial dos textos, a partir da ativação de conhecimentos variados, conforme apontam Cavalcante & Santos (2012). Nesse sentido, há subsídios para a construção e percepção dos pontos de vista apresentados nos textos.

Sobre essa construção do ponto de vista, é importante mencionar que o objeto de discurso em pauta, mesmo não homologado, direciona o leitor para a proposta de produção de sentidos pretendida pelos enunciadores. Como vimos, há, nos *memes* 01 e 02, a perspectiva humorística de abordagem sobre o referente; nos *memes* 03 e 04, sustenta-se a ideia de necessidade de isolamento social, para evitar o contágio e o conseqüente aumento de número de mortes, sobretudo em relação às pessoas consideradas dos grupos de risco, como os idosos; por fim, nos dois últimos textos, percebem-se críticas em relação à medida tomada pelas autoridades, principalmente pelas limitações econômicas de dado grupo social e a necessidade de sair de casa para trabalhar, por exemplo.

A respeito dos diferentes pontos de vista, perspectivados pelas recategorizações percebidas, podemos mencionar o que Cortez & Koch (2013) dizem sobre a subjetividade do enunciador para a construção dos objetos de discurso, a fim de evidenciar determinado posicionamento. Nesse contexto, temos clara a visão dos enunciadores acerca do *isolamento social*, que apontam, ainda, para outros posicionamentos, como o que se tem no tocante a dimensão política que paira sobre a situação de isolamento.

Por fim, podemos dizer que a análise realizada vai ao encontro da proposta de discussão apresentada por Custódio Filho (2017), ancorada em Amossy (2017). Isso porque percebemos que o objeto de discurso analisado nesta empreitada não é comungado ao longo dos textos apresentados e a recategorização empregada para o referente pode ser mais ou menos especificada, a depender dos conhecimentos partilhados.

Portanto, a negociação de sentidos a respeito de um determinado referente pode ser negociada ou não, de acordo com o projeto de dizer pretendido, principalmente quando se trata de um mesmo objeto de discurso que é construído em diversos textos, como nos casos apresentados neste artigo.

### Considerações finais

Face à discussão proposta, pudemos observar que a recategorização está relacionada à negociação de sentidos possibilitada a partir de marcas textuais, sejam verbais ou imagéticas, conforme foram apresentadas nos textos dos quais exploramos a construção referencial, que também é sustentada por aspectos intra e extratextuais.

Com base na análise dos *memes*, foi possível observar a importância do conhecimento partilhado para a produção de sentidos acerca do objeto de discurso erigido nas materialidades apresentadas, algo que está relacionado à contemplação da recategorização na perspectiva cognitivo-discursiva.

Diante da necessidade da ativação de conhecimentos para a percepção dos referentes e dos propósitos comunicativos pretendidos pelos enunciadores, entendemos que a negociação da recategorização referencial pode variar, sobretudo por se tratar de uma situação de caráter intersubjetivo. Nesse sentido, os objetos de discurso podem ser mais ou menos especificados ou não comungados, o que interfere na recategorização desenvolvida.

Essa visão acerca das possibilidades de negociação do referente talvez ponha em *xequê* a ideia de estabilização do referente, citada no início da seção 02. Consideramos isso porque a negociação não consensual do referente parece-nos que o faz sempre de natureza instável, se levarmos em conta a aparição do mesmo objeto de discurso em materialidades textuais diferentes.

Outro ponto que julgamos importante nessa abordagem consiste na junção de semioses para a construção referencial. Ao longo da análise, buscamos levantar aspectos que suscitasse a percepção da não homologação tanto do referente quanto de sua recategorização. Contudo, seria possível observar, também, as relações referenciais no cotexto dos *memes*, como é o caso do *meme* 02, por exemplo, em que *morango* aparece verbalmente e imageticamente.

O que se conclui, por fim, é que textos dessa natureza compõem um campo bastante fértil para os estudos linguísticos da referenciação e para os desdobramentos da Linguística Textual de hoje, sobretudo na perspectiva multimodal. Que outras análises possam ser feitas no sentido de ampliar a visão acerca das ideias postuladas para os processos referenciais.

---

**Referências**

---

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-Jose. Construction de la référence et stratégies de désignation. *In*: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie Jose. (Eds.) **Du syntagme nominal aux objets de discours**: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; OLIVEIRA, Rafael Lima de. O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 15, n. 1, p. 8-23, jan./abr., 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; SANTOS, Leonor Werneck. Referenciação e marcas de conhecimento partilhado. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão/SC, v. 12, n. 3, set/dez, 2012 p. 657-681.

CORTEZ, Suzana Leite; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 330p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Rediscutindo o princípio de construção negociada dos objetos de discurso. **Revista de Letras**, Fortaleza: UFC, n° 36, v. 2, jul-dez 2017, p.63-77.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. **(Re)categorização metafórica e humor**: trabalhando a construção dos sentidos. 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. A recategorização de referentes numa perspectiva cognitivo-discursiva. **Estudo Linguísticos Literários** n° 57, jul-dez 2017, Salvador: pp. 225-240.

LIMA, Silvana Maria Calixto de Referenciação e multimodalidade: revisitando os processos de recategorização e encapsulamento. **Revista de Letras**, Fortaleza: UFC, n° 36, v. 2, jul-dez 2017, p.101-114.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVEL**, vol. 13, n. 25, 2015.

---

#### **Para citar este artigo**

---

SOUZA, W.G., BEZERRA, L.M.D. A recategorização em textos digitais: uma análise da negociação de sentidos. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 4., 2020, p. 01-17.

---

#### **Os Autores**

---

WELLINGTON GOMES DE SOUZA é professor da rede estadual do Ceará e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UERN.

LIDIANE DE MORAIS DIÓGENES BEZERRA é doutora em Estudos da Linguagem pela UFRN e professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).